

## O MARX POSITIVISTA: UMA INTERPRETAÇÃO DO "POSFÁCIO" À SEGUNDA EDIÇÃO ALEMÃ DE "O CAPITAL" \*

Manoel Luiz Malaguti \*\*

O "Posfácio à 2ª edição alemã de "O Capital" é um texto impressionante. Ele impressiona pela capacidade de síntese e clareza da exposição, assim como pelo conteúdo denso e essencial; esta conjunção de densidade, conteúdo e fluidez de exposição é uma das facetas mais brilhantes deste escrito de 1873.

No que se refere ao conteúdo, Marx faz, através de comentários de outros autores, a apresentação de seu método; distingue entre o seu emprego na pesquisa e na exposição de seus resultados. Relata opiniões favoráveis e negativas sobre seu trabalho maior e, ainda, posiciona-se sobre o papel da História na produção teórica; tudo isso em apenas 10 páginas.

Entendemos que Marx pretendeu (ou precisou) dar um passo maior que as pernas. Em nenhum momento da exposição de Marx seus conceitos são contextualizados, sendo-nos apresentados de forma acabada <sup>(1)</sup> e transmitindo certezas inabaláveis: adota aqui um estilo de exposição semelhante ao do "Manifesto do Partido Comunista" de 1848, 35 anos após a sua 1ª edição.

Semelhantemente ao "Manifesto" (e talvez pelas mesmas razões), esta obra tem um peso considerável na formação intelectual de inúmeros cientistas, principalmente na leitura que fazem da dialética e do papel da História na legitimação de proposições teóricas. Sobre esta última temática desenvolveremos algumas observações, com o intuito de alertarmos sobre o perigo de uma (de)formação que *privilegie* a leitura do "Pós-fácio" no interior da globalidade da obra de Marx <sup>(2)</sup>.

No texto que discutimos, a objetividade dos fatos é tratada como uma espécie de "demonstrativo de veracidade" ou "coisa irrefutável". Ao afirmar que a economia política burguesa "só pode assumir caráter científico (grifo MLM) enquanto a luta de classes permaneça latente ou se revele (grifo MLM) apenas manifestações esporádicas" (p. 10), Marx assume uma postura que universaliza a revelação, no sentido de entendê-la perceptível a todas as classes sociais e suas camadas. De uma certa forma, desconsidera a existência de classes sociais na qualificação do que é, ou não, científico, pois a percepção (revelação) do real se dá, de fato, com cores e ênfases muito diversas, na dependência da posição social em que se observa.

Não se discute a veracidade da avaliação do autor quanto ao estágio em que se encontraria a luta de classes; isto é irrelevante. O que se coloca em questão é a negação do estatuto de ciência àquele ramo do conhecimento que desconhece ou não aceita uma possível faceta do movimento social. Esta postura positivista atinge até os limites de uma crítica moralista da teoria econômica burguesa, quando lemos que, a partir do momento em que a "luta de classes adquiriu, prática e teoricamente, formas

---

\* Utilizamos a edição brasileira de "O Capital", elaborada pela Civilização Brasileira em 1975.

\*\* Do Mestrado em Economia, UFPb, Campus II.

(1) Sem uma construção conceitual elaborada através da agregação progressiva de mediações.

(2) Nós mesmos, em virtude da importância exagerada que atribuímos ao genial "Posfácio", adotamos, em trabalho anterior, posições de cunho nitidamente positivista; estas posições sofrem aqui uma auto-crítica radical, embora pontual.

Em relação à nossa postura positivista, ver: MALAGUTI, M.L. Processo de Conhecimento e Revolução. Mestrado em Economia, UFPb (Campus II), Caderno de Economia — Série Debates nº 21, outubro de 1985.

mais definidas e ameaçadoras (pra quem?) (...) Os pesquisadores desinteressados (grifo MLM) foram substituídos por espadachins mercenários (grifo MLM) (e a) investigação científica imparcial cedeu seu lugar à consciência deformada e às intenções perversas da apologética (grifo MLM" (p. 11).

O positivismo é evidente: os fatos são colocados acima das classes sociais que os geram e estimulam, passando a ser atributos do gênero humano; é na qualidade de manifestações do ser humano genérico (inexistente, portanto!) que podemos considerá-los como independentes da humanidade, pairando sobre ela, discriminando-a e qualificando-a.

É importante observar, entretanto, que o "Posfácio" é um texto de polêmica, onde algumas posições são radicalizadas no calor da luta teórica e, conseqüentemente, expostas de forma pouco rigorosa: Marx corria em defesa de Hegel e, talvez sem tempo de frear, foi a seu encontro; "ao tempo em que elaborava o primeiro volume de "O Capital", era costume dos epígonos impertinentes, arrogantes e medíocres, que pontificavam nos meios cultos alemães, com prazerem-se com tratar Hegel, tal e qual o bravo Moses Mendelsohn, contemporâneo de Lessing, tratara Espinoza, isto é, como um 'cão morto'. Confessei-me, então, abertamente discípulo daquele grande pensador (...)". (p. 16).

De uma forma resumida e simplificada, parece-nos que o trabalho que analisamos se situa no ponto de encontro teórico da dialética idealista e do positivismo: uma espécie de concerto a quatro mãos, para Hegel e Comte.

Devemos insistir, porém, na afirmação de que não consideramos os desenvolvimentos do "Posfácio" como a posição de Marx frente à relação Teoria/História. Entretanto, no próprio "O Capital", encontramos explicações que parecem legitimar as apressadas conclusões do "Pós-fácio", tais como:

1.º) A provável existência histórica de um Modo de Produção de Pequena Produção Mercantil é muito estimulada pelo autor nos diversos exemplos de comunidades urbanas de artesãos, utilizadas para ilustrar a lei do valor em nível do Livro I (3).

2.º) A provável anterioridade histórica do "valor" face aos "preços de produção", sob a égide do Modo de Produção Capitalista (uma afirmação literal do próprio Marx, no Livro III).

Essas questões ligam-se a nossa problemática através de uma necessidade de encontrar-se, na História, uma comprovação para toda e qualquer colocação teórica, como se a História Social e a Teoria devessem atravessar o túnel do tempo de mãos dadas, sendo a Teoria o mero relato do acontecido, sem nenhuma autonomia (4).

Partir da História e dos fatos — da forma absolutizada ("demonstrativo de veracidade") — para a eles retornar, parece ser condição exclusiva de cientificidade. Em outras palavras, esta questão coloca a História ou a prática social como divisor de águas entre o que é teoria científica e o que é teoria apologética. A prática assume uma forma fantasmagórica, sendo coisa e sombra, ao mesmo tempo é prática e expressão da prática, verdade absoluta, como o Deus hegeliano (5).

(3) É muito comum encontrarmos interpretações semelhantes na corrente de pensamento liderada por Ernest Mandel.

(4) Este aspecto do problema relaciona-se com outra discussão sobre a realidade das idéias e sua influência histórica como fator objetivo.

(5) Ver: MARX, K. & ENGELS, F. A Ideologia Alemã. São Paulo, Ciências Humanas, 1979, 2ª ed. (especialmente as Teses sobre Feuerbach).

## TEORIA BURGUESA E TEORIA NÃO-BURGUESA

A luta entre a teoria burguesa e a não burguesa deve ser vista como a contradição principal do "Posfácio". Num determinado período histórico a teoria burguesa é a expressão possível do real, sendo impossível, portanto, a interpretação do real sob outra ótica. Neste período, a teoria burguesa afirma-se como ciência propriamente dita, dotando seus porta-vozes de dignidade acadêmica e de caráter<sup>(6)</sup>. Vejamos: "A partir de 1848, a produção capitalista se tem desenvolvido rapidamente na Alemanha (...). Mas os fatos continuam adversos aos nossos especialistas (economistas políticos). Quando podiam ser imparciais no trato da economia política, faltavam à realidade alemã as condições econômicas modernas. Quando surgiram estas, surgiram em circunstâncias que não permitem mais seu estudo imparcial sem ultrapassar os limites burgueses. A economia política burguesa (...) só pode assumir caráter científico enquanto a luta de classes permanecer latente ou se revele apenas manifestações esporádicas. (p.10).

Assim, nos períodos históricos em que seja evidente a luta de classes, Marx entende que a economia política burguesa não pode ser ciência, não pode "assumir caráter científico". Logo, fariam ciência apenas aqueles que expressam interesses opostos ao da burguesia.

Do exposto, fica claro que, para Marx, nas sociedades classistas, o caráter das teorias é determinado pela luta de classes, entendida como as "condições econômicas modernas". Em outras palavras, ter-se-fam, potencialmente, tantas ciências quantas fossem as classes sociais.

Novamente, entretanto, é preciso advertir que, aqui, a existência da luta de classes é considerada um "fato irrefutável". Como já vimos, este tipo de consideração, ao universalizar a consciência da luta, provoca, de fato, a desconsideração teórica das classes sociais na análise em questão. Ou seja, se todas as classes têm a mesma consciência e esta é determinada pelas condições objetivas de inserção na sociedade, estas condições devem ser, logicamente, idênticas e, por conseguinte, não existem classes sociais. Esta falsa conclusão é o que se pode deduzir da consideração da luta de classes como "fato irrefutável", tornando a aproximação com o idealismo cada vez mais evidente.

## A MULTIPLICIDADE DE CIÊNCIAS

Entendemos que, sob o Modo de Produção Capitalista, existe apenas uma ciência, seja em que fase histórica desta forma de produção da vida humana estejamos. Por quê? Simplesmente porque no capitalismo as classes sociais não existem isoladas, tornando-se classes exatamente pela relação social: as influências recíprocas e os condicionamentos mútuos impedem a existência de uma ciência classista (representante pura dos interesses de seus integrantes). ou, sob outro prisma, a própria existência das classes sociais.

As referências à ciência burguesa devem, a nosso ver, ser entendidas como referências à ciência que produz e se aplica no Modo da Produção Capitalista.

No caso da Teoria Econômica, por exemplo, seria plausível tentarmos caracterizar o Keynesianismo como apologia e o marxismo como ciência? Ou o marxismo como apologia e o Keynesianismo como ciência? Qual o critério definidor?

---

(6) "Ricardo, seu último grande representante (...)". (p. 10).

O marxismo e o Keynesianismo são facetas de uma mesma ciência econômica, componentes inseparáveis do conhecimento econômico. Se escolhermos uma das possibilidades, o faremos com base numa posição de classe, adotando um ponto de vista repleto de "a priori" e determinado por nossa inserção social; e isto por mais "óbvias" que pareçam (para nós, claro!) as verdades de "nossa ciência"

Embora possa parecer ocioso precisar, devemos deixar bem claro que não negamos que uma teoria se aproxime de uma interpretação da realidade mais ou menos exata do que outra. A realidade existe independentemente das teorias e é natural que algumas a representem com maior fidelidade que outras. A grande discussão é determinar qual delas. Mesmo que pudéssemos determiná-las, (se fôssemos deuses) a escolhida não seria (para o homem) ciência e a outra apologia. Isto porque, em qualquer processo de conhecimento social, a especificidade da inserção social do pesquisador (sua posição de classe e na classe) determina o objeto de estudo, fornece uma específica concepção deste mesmo objeto e condiciona o como e o para que estudá-lo.

De acordo com o exposto é que podemos entender o que dizia Gramsci, quando afirmava que "(...) a ciência jamais se apresenta como noção objetiva; ela aparece sempre revestida por uma ideologia." (7). Ou, ainda de forma mais enfática, quando ressaltava: "Mas, na realidade, também a ciência é uma (...) ideologia (...)" (8).

Assim, como esperar, como o faz Marx no "Posfácio", que alguma teoria possa ser imparcial e, por isso, transformar-se em ciência?

Para Marx a resposta parece situar-se no campo da História e de acordo com dois aspectos de um mesmo momento: 1) A necessidade da existência de condicionantes históricos (fatos) detonadores da criação teórica e 2) A ratificação histórica da teoria, para que esta possa ser científica e demonstrar-se, aparecer como tal.

Com isto nos remetemos à chamada "prova de Praxis".

## A PROVA DE "PRAXIS"

É quase banal lembrar que uma mesma situação social pode justificar teorias opostas, "demonstrando" (no sentido positivista) sua cientificidade teórica. Se isto é verdadeiro, entretanto, qual o sentido de procurar-se apoio empírico para as sistematizações de idéias?

Acreditamos que o sentido é dado pela relativização do papel do "empírico", considerando-o como uma etapa essencial do processo de conhecimento. Sem a confrontação com o empírico, toda e qualquer teoria não pode se afirmar como ciência, mas, por este confronto, torna-se apenas ciência possível: o empírico atua como fator de exclusão, elemento selecionador e "elitizante".

Dando continuidade a este raciocínio (e para esclarecê-lo), podemos considerar a 2ª Tese sobre Feuerbach, verificando o papel que Marx, na realidade, atribui ao empírico, à "praxis". Vejamos: "É na "praxis" que o Homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno de seu pensamento". Nesta tese, Marx não atribui à praxis ("atividade humana sensível") o papel definidor e definitivo que deixa entrever em seu "Posfácio". Ele apenas situa o terreno da definição: "é na 'praxis' ", como "locus" privilegiado e preferido da teoria científica.

---

(7) GRAMSCI, A. Conceção Dialética da História. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, p. 71.

(8) Idem, p. 71.

Veja-se, também, que a "verdade do pensamento" é entendida como "realidade e poder", ou seja, como algo que se objetiva e transforma, algo que atua e mobiliza. Nada nos autoriza a atribuir ao conceito de "verdade" a capacidade de demonstrar o caráter científico das teorias, mas só (e apenas só) sua objetivação e capacidade de mobilização. Da forma como Marx utiliza o conceito de verdade, seu oposto não poderia ser a "mentira", "falsificação", "imparcialidade" ou "apologética" (como ele o considera no "Posfácio").

Assim, se a tese não demonstra a cientificidade, a antítese não pode demonstrar a não-cientificidade. Por conseguinte, se a verdade define-se na "praxis", esta não pode, como único critério, delimitar a fronteira que separa a ciência da apologética... Simplesmente porque não lhe cabe esta função!

Esta é a única interpretação que se pode fazer sobre o papel da "praxis" no contexto da Ideologia Alemã, ao contrário da que se faz quando partimos de uma análise exclusiva do "Posfácio".

No "Posfácio" o autor reitera, repetidas vezes, que, após o desnudamento das relações antagônicas do capitalismo, "Não interessava mais saber se este ou aquele teorema era verdadeiro ou não; (...)" (p. 11). Ou seja, sendo evidente o antagonismo no capitalismo, a investigação burguesa imparcial é transformada em teoria apologética. Aqui, verdade e parcialidade, ou verdade e apologética, aparecem como polos, como tese e antítese; à verdade se opõe a deformação intencional da interpretação da sociedade; à verdade se opõe a mentira, resumidamente. Esta posição é, como vimos acima, insustentável e contrária à observada na Ideologia Alemã, mas permite que os opositores do marxismo se apoiem nas citações de seu próprio fundador, fornecendo à crítica um peso desmesurado.

Esta visão do certo ou do errado, do parcial e do imparcial, do científico e do não-científico (como fortes componentes morais), representou, numa certa época, um grande avanço em relação às concepções de fundo religioso, compondo o núcleo ético do positivismo e representando a necessidade imperiosa de expansão das forças produtivas pela via do desenvolvimento das ciências da natureza. Entretanto, esta visão ou desenvolvimento filosófico, quando transposta para a análise das relações sociais, extirpa do campo de pesquisa toda e qualquer divisão da sociedade, unificando-a sob o ponto de vista da burguesia.

No entanto, se uma concepção falsa de "verdade" corresponde uma também falsa concepção de cientificidade, devemos fazer sua crítica no contexto apropriado, chamando atenção — como fizemos — para a distinção profunda dos conteúdos conceituais que encontramos em duas diferentes obras de Marx. É mais, lembrando que, no âmbito da globalidade de sua obra e da aplicação de seu método, fica cristalina a interpretação apropriada e representativa; muito distinta da do "Posfácio" e sem nenhum tipo de resquício positivista, ao contrário.

Entendemos que será seguindo as leis da dialética materialista — da forma como foram desenvolvidas pelo próprio Marx — que evitaremos o erro de considerar o todo a partir das partes, a obra a partir de um texto ou de um fragmento seu.

O "Pós-fácio" foi um mau momento do autor de "O Capital" que, indevidamente, obteve tanta repercussão.